

A RESISTÊNCIA DA POESIA ANGOLANA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL DE ONDJAKI

Profa. Dra. Ana Cláudia da Silva (TEL/IL/UnB)

anacls@unb.br

Resumo: A infância tem papel marcante na literatura de Ondjaki, um dos expoentes da nova geração de escritores de Angola. Seja na construção das personagens infantis, seja na temática dos poemas, a infância tem se constituído, em suas histórias, como um lugar privilegiado de conhecimento do mundo, mediado pela linguagem poética. No conto *Ynari, a menina das cinco tranças* (2010), confluem as matrizes das histórias orais angolanas, personagens míticas e seres maravilhosos. A reunião desses elementos será fundamental para a jornada de Ynari; logo ela aprende a força das palavras, as quais generosamente distribui na sua viagem pelas aldeias do seu povo. Como a Nhinhinha de Guimarães Rosa, também para Ynari “as palavras viram coisas”; essa lógica leva a menina a projetar um futuro em que as palavras ruins sejam eliminadas e, com elas, o seu significado brutal. Dispor os objetos do mundo em uma nova ordem, mais aprazível, não só é o princípio da construção poética, mas a essência de uma proposta utópica de reconstrução da realidade. O poeta reordena o mundo através das palavras; a literatura torna-se instrumento fecundo de resistência à ideologia dominante. O ser da poesia, ensina-nos Alfredo Bosi (1993), contradiz o ser dos discursos correntes e instaura assim a resistência – poética e política. Na escrita de Ondjaki, a infância é esse território de resistência, zona sagrada que guarda a essência de verdade do homem.

Palavras Chave: Literatura infanto-juvenil. Literatura Angolana. Ondjaki.

Considerado um dos mais promissores da nova geração de escritores africanos de língua portuguesa, o angolano Ondjaki tem produzido textos que encantam adultos e crianças. Sua linguagem, mesclada de poesia, é um convite a uma viagem pelas paisagens da infância do autor. Esta, mais do que um tempo especial, constitui-se nas histórias de Ondjaki constitui-se em lugar seguro, refúgio de simplicidade, alegria e paz.

Suas personagens infantis, contudo, não são alienadas, antes, participam de forma indireta dos conflitos que movem a nação angolana; participam a seu modo, com o entendimento conforme à sua capacidade de conhecimento e experiência. O relato desta, porém, é entregue a narradores adultos que, contudo, se aproximam da perspectiva infantil.

O conto que aqui analisamos é *Ynari, a menina das cinco tranças* (2010). O livro, concluído em fins de 2001 e início de 2002, foi publicado em Portugal em 2004 e teve sua edição brasileira pelo selo Companhia das Letrinhas, em 2010.

Começamos nossa análise pelo nome da protagonista, Ynari, cujo significado é “hiena”. Segundo Chevalier e Gheerbrant, um dos significados simbólicos da hiena, na África, está ligado ao conhecimento: “[...] ela se caracteriza, antes de mais nada, pela voracidade, pelo cheiro, pelas faculdades de adivinhação que lhe são atribuídas, pela força de suas mandíbulas [...]. Por tudo isso constitui *uma alegoria do conhecimento, do saber, da ciência.*” (2009, p. 492, grifos dos autores)

Os mesmos pesquisadores informam também que nos ritos sagrados dos koré, a hiena é associada aos cativos, os quais, na antiga sociedade bambara, tinham a função de guardar o rei e a sua casa. “Os iniciados *hiena* do Koré são encarregados de vigiar o bosque sagrado onde se realizam as reuniões da confraria.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 493) Ynari é, pois, um signo que remete ao conhecimento e à vigilância sobre as coisas sagradas.

O conto de Ondjaki começa com a mesma fórmula dos contos de fadas tradicionais: “Era uma vez uma menina que tinha cinco tranças lindas e se chamava Ynari.” (ONDJAKI, 2010, p. 6) A fórmula “era uma vez” cria no leitor uma ilusão de ficcionalidade; colocada à abertura do conto, instaura o pacto inaugural da leitura: o que será relatado não pertence ao mundo cotidiano e sim ao mundo narrado.

Além de predispor o seu leitor para a ficção, o narrador nos apresenta os traços principais que definem a personagem principal: é uma menina que tem cinco tranças lindas e tem por nome Ynari. A importância das tranças para o desenrolar da trama será definitiva; de cada uma delas a menina fará presente a uma das tribos visitadas em sua jornada. Mais tarde saberemos que as tranças “lindas, negras, compridas” (ONDJAKI, 2010, p. 9), com as quais a menina adorava brincar, não foram feitas por mão humana – antes, nasceram com a menina.

Em seguida, o narrador nos apresenta um comportamento que será determinante no destino de Ynari: “Ela gostava muito de passear perto da sua aldeia, ver o campo, ouvir os passarinhos e sentar-se junto à margem do rio.” (ONDJAKI, 2010, p. 6) A visão e a audição são dois sentidos muito presentes no decorrer do conto; Ynari os tem bem desenvolvidos.

Além da visão e da audição, outros sentidos serão fundamentais na trama: falar, cheirar e saborear. Cada um deles corresponde a uma capacidade humana, geradora de satisfação e prazer, que é perdida em razão da guerra. A guerra impede o prazer – é o que afirma Ondjaki em entrevista à pesquisadora Heloíse Cabral Santana. Ao ser questionado sobre se acredita ser possível encontrar alegrias em meio ao desencanto social, responde:

Sem dúvida. Os angolanos não fizeram outra coisa durante séculos e séculos. Mudam as dificuldades, os tempos, os desafios, mas o povo segue enraizado nesse modo de ser que é quase uma ficção constante, contrariando o que não interessa, o que tira a força, o que impede de dançar. A guerra sempre foi a mancha nos nossos prazeres... (SANTANA, 2008, p. 101)

É essa mancha, a guerra, que Ynari tentará remover dentre os homens da sua aldeia e das aldeias vizinhas.

Após a apresentação da protagonista, o narrador relata o encontro entre a menina e um ser estranho: “Do capim alto saiu um homem muito pequenino com um sorriso muito grande. E, embora não fosse do tamanho dos homens da aldeia de Ynari, ela não se assustou.” (ONDJAKI, 2010, p. 6) Tal como a fórmula “era uma vez”, a personagem infinitamente pequena também distancia o leitor do mundo cotidiano; é com ele que Ynari aprenderá o valor das palavras.

No primeiro diálogo travado com o homem pequenino, Ynari já revela seu interesse pelas palavras: “Eu tenho um nome só, quer dizer, *uma só palavra*: chamo-me Ynari.” (ONDJAKI, 2010, p. 7) Ynari tem a percepção não apenas do significado, mas também do significante contido em seu nome; trata-se de uma percepção estética, que a aproxima da tarefa do poeta. Explica-nos Jakobson: “O que dá valor a um poema [...] é a relação entre sons e sentidos, é a estrutura dos significados – problema semântico, problema *linguístico* no sentido mais amplo do termo.” (JAKOBSON, 1973, p. 6) O problema de Ynari é, também e essencialmente, de ordem semântica, linguística.

A conversa entre Ynari e o homenzinho resvala pelo sentido de outras palavras, como “medo” – que a menina descobre ser uma palavra desnecessária.

Vale observar que essa palavra, assim como todas as palavras problematizadas no diálogo, são destacadas, no texto, com fonte maior e em negrito, a indicar, graficamente, o caráter metalingüístico da narrativa.

Ynari despede-se, ao fim da tarde, e retorna para a sua aldeia. No dia seguinte, quando encontra novamente o homenzinho, sua conversa é interrompida pelo barulho de

disparos de homens do outro lado do rio. Aqui, a guerra instaura-se na narrativa, a princípio na margem oposta, no espaço da alteridade. Ynari fica assustada e imóvel, e se esconde. Cessam os disparos e os combatentes dirigem-se à margem de cá do rio; onde deitam e adormecem.

Então ocorre o inusitado: o homenzinho aproxima-se deles, diz algumas palavras e as armas transformam-se em armas de barro. A partir daí, Ynari entenderá que as palavras têm um valor de concretude, isto é, operam transformações nas coisas e nas pessoas; ela descobre que as palavras são mágicas.

O homenzinho – agora chamado de homem pequeno e mágico – conduz Ynari para sua aldeia, longe dali. A primeira informação que ele lhe dá é que naquela aldeia não havia um soba (chefe). A ausência de uma liderança politicamente estruturada nos leva a pensar em uma organização social anárquica; contudo, duas pessoas são destacadas: “um velho muito velho” (ONDJAKI, 2010, p. 18) e “uma velha muito velhinha” (idem, p. 2010). O respeito a estes “mais-velhos” é dado não apenas pela sua condição natural de idosos – que, pela sua sabedoria, têm valor inestimável nas culturas bantas –, mas também pela suas funções: o velho inventa palavras; a velha as destroi.

Ynari presencia uma cerimônia com comida, dança e música; em dado momento, chegam, solenemente, os dois velhos. Ambos preparam numa cabaça uma poção mágica; nela deitam ervas e palavras que Ynari desconhece. A velha então destroi algumas palavras trazidas por um grupo de pessoas; o velho, em seguida inventa novas palavras, frescas e mágicas, e as distribui a outros homenzinhos.

Depois, é a vez de Ynari ser chamada ao centro da roda; ela quer descobrir a sua magia. O velho e a velha pronunciam palavras sábias – são dois discursos paralelos, que se complementam. Depois, deitam mais ervas na cabaça, olham demoradamente para Ynari e falam, juntos:

— Não temos uma magia para te dar, tens que ser tu a descobrir a tua magia... Todos os cacimbos¹ nos reunimos aqui, para destruir palavras que já não servem e inventar algumas que vão servir para alguma coisa. Nós conhecemos a sombra da tua magia, mas só tu podes saber onde está a própria magia. hoje queremos oferecer-te uma palavra e dar-te uma fórmula. [...] Leva contigo a palavra “permuta”.

— E a fórmula?

— A fórmula está dentro do teu coração. (ONDJAKI, 2010, p. 24-25_

¹Cacimbo: estação fria, inverno.

Embora uma palavra lhe tenha sido revelada, Ynari ainda desconhece a sua magia, pois não sabe o significado da palavra. Isso ela só descobre mais tarde, quando, à noite, é visitada em sonhos pelo homem velho, que lhe explica o significado de permuta:

Ela [...] finalmente pensou que uma permuta era uma troca justa, em que alguém dá alguma coisa e também recebe algo, pode não ser do mesmo tamanho, ou da mesma cor, até do mesmo sabor... Mas Ynari entendeu que numa permuta é bom que duas pessoas, ou dois povos, fiquem contentes com o resultado dessa troca. (ONDJAKI, 2010, p. 27)

Observamos que o processo de conhecimento do mundo passa, para a menina, pela percepção sensíveis; o que conhece do mundo (as cores, os sons, os cheiros, os sabores etc.) é o que ela tem a oferecer.

No terceiro dia começa a jornada de Ynari: durante cinco dias ela visitará cinco aldeias diferentes, todas em guerra por alguma coisa: os primeiros queriam “ouvir”, os segundos, “falar”; na terceira queriam ver; na quarta, sentir os cheiros e na quinta, experimentar os sabores.

A narrativa desses cinco dias de viagem segue um esquema de paralelismo, recorrente nas histórias orais. Neste caso, a sequência de ações é a mesma; mudam apenas os desejos atendidos pela magia da permuta que Ynari, então, passa a colocar em prática. São ritos que se repetem, com a seguinte estrutura:

- a) Ynari e o homem pequeno chegam à aldeia e são recebidos pelo soba;
- b) Ynari pergunta se aquela aldeia estava em guerra;
- c) o soba responde que sim;
- d) Ynari pergunta o motivo;
- e) o soba explica que estão em guerra porque querem uma faculdade que os outros têm (ouvir, falar, ver, cheirar, saborear);
- f) Ynari pergunta se deixariam de fazer guerra caso ela lhes ensinasse o tipo de conhecimento que desejam;
- g) o soba aceita a proposta;
- h) Ynari pede que o soba reúna a aldeia à noite, faça uma fogueira e lhe traga uma cabaça;

- i) a festa começa; todos são chamados a ver a menina com as tranças que lhes ensinaria as palavras cujo significado desejavam conhecer (ouvir, falar, etc.);
- j) Ynari coloca a cabaça no fogo e pede que cada um traga uma concha de água do rio e a deposite na cabaça;
- k) Ynari pronuncia algumas palavras estranhas e depois a palavra “permuta”;
- l) em seguida, corta uma de suas tranças, deita-a na cabaça e despede o povo;
- m) no dia seguinte, ao acordar, todos percebem o efeito da magia, que realizava em cada aldeia o desejo do povo, pelo qual antes guerreavam.
- n) Ynari e o homenzinho partem cedo para a aldeia seguinte, antes de ver o resultado da magia, mas confiando no seu resultado.

A narrativa demonstra que a magia é uma combinação de fatores: para funcionar, ela precisa primeiramente da disponibilidade de mudança do povo, depois, de um rito. A cerimônia comandada por Ynari nas cinco aldeias apresenta todas as características dos ritos: as palavras e atos dos participantes alternam-se numa sequência ordenada, que é repetida da mesma forma em cada aldeia diferente, produzindo o mesmo efeito – a concretização do desejo pela permuta: os aldeões oferecem a Ynari a paz desejada, concretizada nos punhados de água que depositam na cabaça (a água simboliza a vida, contrária à morte trazida pela guerra); Ynari sacrifica a si mesma, representando-se metonimicamente pela trança subtraída na celebração.

A trança, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009), simboliza a força vital e também uma ligação provável de interdependência entre o mundo dos vivos e dos mortos. Assim, ao depositar sua trança na cabaça, Ynari entrega ao povo sua força, seu conhecimento e a capacidade de relacionar-se com os seres do Além – representados, na narrativa, pelo homem pequenino e fantástico e seus compatriotas.

Ao final da viagem, Ynari pede ao homem pequenino que entregue à velha da sua aldeia a palavra “guerra”, para que seja destruída, reordenando, assim, o mundo real.

Dispor os objetos do mundo em uma nova ordem, não só é o princípio da construção poética, mas a essência de uma proposta utópica de reconstrução da realidade. O poeta reordena o mundo através das palavras; a literatura torna-se instrumento fecundo de resistência à ideologia dominante. O ser da poesia, ensina-nos

Bosi (1993), contradiz o ser dos discursos correntes e instaura assim a resistência – poética e política.

Na escrita de Ondjaki, a infância é, pois, território de resistência, zona sagrada que guarda a essência de verdade do homem. Como a Nhinhinha de Guimarães Rosa, também para Ynari “as palavras viram coisas”; essa lógica leva a menina a projetar um futuro em que as palavras ruins sejam eliminadas e, com elas, o seu significado brutal. A infância é o lugar onde se opera essa transformação, onde é possível a eclosão de valores essenciais do ser humano, promovida pela força mágica e inquietante do desejo.

Referências Bibliográficas:

BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: _____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1993.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24. ed. Rio de Janeiro; José Olympio, 2009.

GUIRALDELO, Claudete Moreno. Coesão e coerência textuais em composições infantis. *Alpha*, São Paulo, v. 33, p. 9-21, 1989. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3806>>. Acesso em: 07 mar. 2013.

JAKOBON, Roman. O que fazem os poetas com as palavras. *Colóquio: Letras*, n. 12, Lisboa, mar. 1973, p. 6. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=12&p=5&o=r>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

ONDJAKI. *Ynari, a menina das cinco tranças*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

SANTANA, Heloíse Cabral. *Quantas alegrias tem a noite*. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.